

Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguagens e princípios teóricos-metodológicos das ciências da comunicação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-114-5 DOI 10.22533/at.ed.145201606</p> <p>1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Comunicação – Metodologia. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.4833</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As mudanças pelas quais os Estados-nação, as sociedades, os sujeitos e organizações têm passado em termos econômicos, culturais, políticos, econômicos, tecnológicos, sociais, identitários e idiossincráticos projetam luzes sobre os horizontes, desafios, possibilidades e perspectivas para o campo dos estudos da comunicação na contemporaneidade.

Nesse sentido, a obra intitulada “Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2” debate o(s) lugar(es) do campo, da ciência e das profissões da comunicação em um mundo hiperconectado e permeado pela cultura de consumo, pelo império do efêmero e pelos imperativos das redes e mídias sociais da Internet que encorpam emergentes modos de interação, diálogo, negócios, entretanto, também, de conflitualidades, discursos de raiva, desrespeito, cancelamento e vigilância.

Entendemos, nesta obra, que a comunicação tem como horizonte: 1. A coabitação de visões e percepções, muitas vezes, conflitantes; 2. A convivência e a coabitação. Estes fatores representam um grande problema, mas podem oferecer uma prodigiosa solução quando tratamos do cenário interativo-informacional do ecossistema comunicativo, posto que porta uma vocação democrática, ampliando os espaços de fala e expressão dos sujeitos.

As linguagens e princípios teórico-metodológicos das ciências da comunicação revelam a intrínseca relação entre comunicação e democracia. Nesse universo, as redes da Internet tornam-se o epicentro da profusão e legitimação da participação, colaboração e interação entre sujeitos, organizações e Estados. Em um mundo aberto no qual cada sujeito quer ter o direito e a liberdade de manifestar opiniões a respeito de tudo – e de todos –, o ecossistema digital é um habitat propício para tensionar organizações e poderes instituídos acerca de suas práticas, posicionamentos e políticas.

O poder, antes concentrado nas mãos dos grandes conglomerados de comunicação e vincado no modelo “de um – para muitos”, no contexto da comunicação virtual possibilitou uma maior participação social, legitimando o modelo de comunicação “de muitos – para muitos”, o qual é síncrono e independente das distâncias geográficas, afetando rigorosamente as diretrizes de construção de significado e a produção de relações de poder.

Com os meios de comunicação de massa tínhamos os sujeitos tecnologicamente alijados da participação ativa no processo comunicativo, relegados à condição de excluídos do processo de construção da mensagem que chegava; hoje, os fluxos de informação, produção e disseminação são pluridimensionais. Destarte, a comunicação inclui ligações preferenciais e a preferência pelas diversidades,

conectando sujeitos a organizações, populações a instituições governamentais, ativistas a movimentos sociais e cidadãos a cidadãos. Esse mundo informativo nos convida a analisar e aplicar as metodologias, epistemologias, teorias e linguagens que emergem da consolidação da comunicação e das novas socialidades propiciadas pela cultura de conexão, convergência e participação no contexto da sociedade contemporânea.

Sob essas premissas, este e-book reúne artigos de pesquisadores de todo o Brasil que vem se dedicando a investigar a comunicação por meio de variadas facetas, levando em conta sua natureza essencialmente dialógica, humana, participativa, caleidoscópica e complexa.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CIBERTEOLOGIA: COMUNICAÇÃO E FÉ NO ECOSISTEMA VIRTUAL	
Rodolpho Raphael de Oliveira Santos Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016061	
CAPÍTULO 2	14
METODOLOGIA Z UMA PROPOSTA PARA A ENGENHARIA DE SISTEMAS DIGITAIS PARA GESTÃO DA INFORMAÇÃO	
Paulo Sérgio Araújo Luis Manuel Borges Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.1452016062	
CAPÍTULO 3	42
AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (LE)	
Elizabeth Regina Makiko Moriya Uemura Edson José Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016063	
CAPÍTULO 4	53
A OPINIÃO PÚBLICA AINDA NÃO EXISTE? PENSANDO AS PESQUISAS DE OPINIÃO PÚBLICA NA ERA DO BIG DATA SEGUNDO AS CRÍTICAS DE BOURDIEU EM <i>A OPINIÃO PÚBLICA NÃO EXISTE</i>	
Pedro Neris Luiz Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.1452016064	
CAPÍTULO 5	65
AS PESQUISAS DOS ANTROPÓLOGOS SARAH BOHANNAN E CLIFFORD GEERTZ E DO TEÓRICO CULTURAL STUART HALL PARA PENSAR O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.1452016065	
CAPÍTULO 6	78
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR FRENTE ÀS COMPRAS EM SUPER E MINIMERCADOS NA CIDADE DE PATOS-PB	
Francisca Érika Nobrega da Silva Mariana Tomaz Silva Patrícia Lacerda de Carvalho Tatyanna Nadabia de Souza Lima Paes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016066	
CAPÍTULO 7	92
PUBLICIDADE, CONSUMO E NOVAS TECNOLOGIAS: UM ESTUDO DOS NOVOS COMPORTAMENTOS DO CONSUMIDOR NA SOCIEDADE EM REDE	
Danilo de Souza Moura José Maurício Conrado Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016067	
CAPÍTULO 8	104
DO VINIL AO STREAMING: FORMATOS DE DIFUSÃO E ARMAZENAMENTO DE MÚSICAS E	

SUAS RELAÇÕES COM A EXPERIÊNCIA DO OUVINTE

[Carlos Phillipe Kelency](#)

DOI 10.22533/at.ed.1452016068

CAPÍTULO 9 114

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO. Espaço Simbólico e de Pertencimento Quilombola, Rio Andirá, Fronteira Amazonas/Pará

[João Marinho da Rocha](#)

[Marilene Corrêa da Silva Freitas](#)

DOI 10.22533/at.ed.1452016069

CAPÍTULO 10 124

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CONTRA AS DE MATRIZ AFRICANA NA MÍDIA HEGEMÔNICA: ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS “O GLOBO” E “O ESTADO DE S. PAULO”

[Roberto Marcello](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160610

CAPÍTULO 11 137

A MULHER NEGRA COMO APRESENTADORA DE TELEVISÃO

[Ana Carolina Huertas Antonio](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160611

CAPÍTULO 12 149

NINJA ES: COLABORAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NA TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL DURANTE AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS CAPIXABAS

[Ana Paula Miranda Costa Bergami](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160612

CAPÍTULO 13 162

A QUESTÃO DA INDEPENDÊNCIA DA CATALUNHA: UM BALANÇO DO IMPACTO MUDIÁTICO DO SEPARATISMO ESPANHOL

[Rodolfo Silva Marques](#)

[Bruno Da Silva Conceição](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160613

CAPÍTULO 14 176

UMA MANCHETE EM REVISTA: destacabilidade e aforização

[Luís Rodolfo Cabral](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160614

CAPÍTULO 15 188

EVENTOS COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO E DE CONSUMO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA – SOCIOCULTURAL E ECONÔMICA DOS BANQUETES AS CASAS DE EVENTOS

[Iêda Litwak de Andrade Cezar](#)

[Joseana Maria Saraiva](#)

[José Alberto de Castro](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160615

SOBRE O ORGANIZADOR 206

ÍNDICE REMISSIVO 207

NINJA ES: COLABORAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NA TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL DURANTE AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS CAPIXABAS

Data de aceite: 05/06/2020

Data de submissão: 25/03/2020

Ana Paula Miranda Costa Bergami

Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

Vitória – ES

<http://lattes.cnpq.br/9585686432351133>

RESUMO: O presente artigo traz considerações sobre o impacto da comunicação mediada pelo computador sobre as rearticulações dos vínculos territoriais no cotidiano midiático, permitindo uma ressignificação das noções de espacialidade. Neste trabalho, abordamos a atuação dos midiativistas do coletivo Ninja ES, que compartilham conteúdo no ciberespaço, dentro de uma lógica colaborativa, dando origem a uma agenda midiática própria nos sites de redes sociais e, conseqüentemente, pertencimento na territorialidade informacional. A análise compreende as postagens no Facebook do coletivo nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2016, época em que os estudantes ocuparam as escolas capixabas, evento que ficou conhecido como #OcupaES.

PALAVRAS-CHAVE: redes sociais; territorialidade informacional; midiativismo.

NINJA ES: COLLABORATION AND SHARING
IN INFORMATIONAL TERRITORIALITY
DURING OCCUPATIONS IN ESPÍRITO
SANTO SCHOOLS

ABSTRACT: This paper brings considerations about the impact of computer-mediated communication on the rearticulation of territorial bonds in the mediatized daily life, allowing a new notion of spatiality. In this work, we approach the performance of the media activists of the Ninja ES collective, who share content in cyberspace, within a collaborative logic, giving rise to their own media agenda on social networking sites and, consequently, belonging in informational territoriality. The analysis includes the collective's Facebook posts in October, November and December 2016, when students occupied the Espírito Santo schools, an event that became known as #OcupaES.

KEYWORDS: social media; informational territoriality; media activism.

1 | INTRODUÇÃO

A sociedade atual experimenta um mundo operante criado pelo ciberespaço, interligado por ícones, portais, sítios e home

pages. Neste contexto, o ciberespaço estabelece-se como sendo “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2010, p. 94). A cultura técnica contemporânea, chamada cibercultura, caracteriza-se pela constituição de uma sociedade estruturada por meio de uma conectividade generalizada, quando o potencial comunicativo é expandido (LE MOS, 2013). Partimos do pressuposto de que atualmente “a mídia é o tecido conjuntivo da sociedade” (SHIRKY, 2011, p. 52). Sendo assim, as ferramentas de mídia social não são apenas uma alternativa para a vida real, mas são uma parte importante dela.

A comunicação mediada por computador é o ponto de partida de nosso artigo, que pretende verificar as rearticulações dos vínculos territoriais no cotidiano midiático, considerando a atuação dos midiáticos do coletivo Ninja ES, que se apropriam dos espaços virtuais para engajar sua audiência. Os ciberativistas narram, em tempo real, com suas audiências, fatos sociais associados aos diferentes atos de ruas dos movimentos sociais. Os “ninjas” modificaram estéticas, estruturas narrativas e a posição de sujeito da deontologia jornalística.

A fanpage dos midiáticos no Facebook possui 36.746 curtidas¹. O grupo tem como objetivo “fazer circular as informações que vem dos gritos da rua, dos movimentos sociais, dos coletivos, das lutas”, buscando “denunciar, fiscalizar e cobrar”². Os ciberativistas explicam que fazem “cobertura com narrativas e fotos atualizadas em tempo real conforme os ocorridos e transmissões streaming ao vivo” de eventos com forte teor social³. A página foi criada em 7 de setembro de 2013, com o objetivo de ser uma mídia independente com denúncias e investigação⁴.

Os midiáticos postam conteúdo de relevância jornalística sobre temas variados, dentro da temática social com um viés contestador. As colaborações de outros internautas são aceitas, desde que submetidas anteriormente ao moderador do coletivo. Observamos que é um padrão dos ciberativistas postar fotos e vídeos anônimos, sem identificar seus autores. O conteúdo anonimizado é apresentado como tendo sido elaborado pelo coletivo. Além disso, percebemos que o grupo tem exclusividade de publicação da indignação dos movimentos sociais, considerando que a mídia tradicional, ancorada em grandes patrocinadores, dá pouco espaço para os conteúdos que chegam das lutas das ruas.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que o grupo de mídia livre Ninja ES utiliza a capacidade de criar conteúdos com caráter independente nos sites de redes sociais para mobilizar e engajar novos voluntários no ciberespaço, por meio da construção colaborativa de narrativas feitas por diferentes atores que leva

1 Informação obtida no site www.facebook.com/esninjaes. Acesso em 25/04/2018.

2 Informação obtida no site www.facebook.com/esninjaes. Acesso em 25/04/2018.

3 Informação obtida no site www.facebook.com/esninjaes. Acesso em 25/04/2018.

4 Informação obtida no site www.facebook.com/esninjaes. Acesso em 25/04/2018.

a uma pluralidade de opiniões no ciberespaço e a vínculos de pertencimento. Ao produzir narrativas próprias e desenvolver uma rede autônoma de comunicação, os midiativistas “subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem” (CASTELLS, 2013, p. 18).

2 | REDES E PODER

Nos últimos anos, a comunicação em ampla escala atravessou uma profunda transformação tecnológica e organizacional, com a emergência da sociedade em rede (CASTELLS, 2013; CASTELLS, 2015), estabelecida com base em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa e sem fio.

A sociedade em rede tem uma estrutura social “construída em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica” (CASTELLS, 2015, p. 71). As redes são a base da experiência humana, por isso entendemos que as funções e os processos dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em torno de redes. Devido ao desenvolvimento de novos arranjos tecnológicos, as sociedades estão se transformando, abandonando formatos defasados de participação e modos de produção burocráticos e verticalizados para abrigar estruturas reticulares, que representam um novo viés comunicativo e produtivo, em que o acesso às redes e à possibilidade de troca de informações tornaram-se fatores determinantes para a participação em sociedade e as interações sociais (CASTELLS *APUD* DI FELICE, 2017).

De fato, as redes “tornaram-se ao uma espécie de paradigma e de personagem principal das mudanças em curso justo no momento em que as tecnologias de comunicação e de informação passaram a exercer um papel estruturante na nova ordem mundial” (PARENTE, 2010, p. 92). Entendemos que, atualmente, todos os âmbitos da sociedade são definidos em termos de redes, quando “nada parece escapar às redes, nem mesmo o espaço, o tempo e a subjetividade” (PARENTE, 2010, p. 92).

O ciberespaço é o meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, significando não apenas a infraestrutura da comunicação, como também o universo de informações que ela abriga (LÉVY, 2010). Nesse cenário, emerge a cibercultura, um verdadeiro conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 2010). Consideramos que atualmente a comunicação integra o plano sistêmico da estrutura de poder, sendo que as redes comunicativas são fontes decisivas de construção desse poder e que o contrapoder é desempenhado “reprogramando-se as redes em torno de outros interesses e

valores, e/ou rompendo as alternâncias predominantes” (CASTELLS, 2013, ps. 17-18).

Por poder se define uma relação entre parceiros, sendo que o exercício do poder “é um modo de ação de alguns sobre outros” (FOUCAULT, 1995, p. 242). Para Foucault (1995, p. 246), “uma sociedade ‘sem relações de poder’ só pode ser uma abstração”. Em uma perspectiva dialética, onde há poder, há resistência (FOUCAULT, 1995). Partimos do pressuposto de que os ativistas do coletivo de mídia livre Ninja ES são atores da mudança social, que exercem o contrapoder construindo narrativas por meio de um processo de comunicação autônoma, com uma menor influência e controle dos que detêm o poder institucional.

Ao produzir narrativas próprias e desenvolver uma rede autônoma de comunicação, os midialivristas “subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem” (CASTELLS, 2013, p. 18). Ponderamos que, na sociedade conectada em rede, a autonomia de comunicação é construída na internet e nas plataformas de comunicação sem fio, com as redes sociais digitais oferecendo a possibilidade de coordenar ações de forma desimpedida (CASTELLS, 2013).

3 | REDES SOCIAIS, CONVERGÊNCIA E COMPARTILHAMENTO

As redes sociais são espaços vivos que conectam dimensões da vida das pessoas (CASTELLS, 2013) e onde tais ferramentas são, hoje, uma tendência importante para a sociedade, pois transformam a cultura ao induzir ao compartilhamento. Os usuários das redes sociais “transcendem o tempo e o espaço, mas produzem conteúdo, estabelecem vínculos e conectam práticas” (CASTELLS, 2013, p. 173).

Raquel Recuero (2014) estabelece que o conceito de rede social é focado na descrição e na compreensão das estruturas sociais. Para ela, “trata-se de uma metáfora para observar essas estruturas, cujo foco principal está nos modos de conexão entre os atores sociais” (RECUERO, 2014, p. 403). Sendo assim, uma rede social é definida como sendo um conjunto de atores (pessoas ou instituições) e suas conexões (laços sociais que unem os agrupamentos).

As redes sociais são entendidas como estruturas que representam processos de conversação, fluxos de informações e seus reflexos no campo social (RECUERO, 2014). Esses espaços abrangem elementos dinâmicos, “que são comportamentos que alteram sua estrutura no tempo, por isso chamados dinâmicos. Esses comportamentos são gerados pelas interações entre os atores, que podem ser cooperativas, competitivas e de conflito” (RECUERO, 2014, p. 407).

A partir desse cenário de telemática generalizada, estabeleceu-se uma

inteligência da coletividade capaz de construir significado a partir das ferramentas dispostas pelo ciberespaço (LÉVY, 2010). A inteligência coletiva é um termo que diz respeito a um princípio no qual as inteligências individuais são somadas e compartilhadas por toda a sociedade, sendo potencializadas a partir do surgimento de novas tecnologias de comunicação como a internet, por exemplo. A inteligência coletiva possibilita o compartilhamento da memória, da imaginação e da percepção, o que resulta na aprendizagem coletiva, a troca de conhecimentos, entre outras possibilidades (LÉVY, 2010).

Ao interagir com o mundo virtual, por meio de seus dispositivos, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criações coletivas (LÉVY, 2010). Dessa forma, os novos dispositivos informacionais (mundos virtuais, informação em fluxo) e comunicacionais (comunicação todos-todos) são os maiores portadores de transformações culturais (LÉVY, 2010).

O cenário cotidiano, em que atores dotados de dispositivos móveis, capazes de produzir vídeos, fotos e textos, com acesso à internet, conseguem, simultaneamente, se comunicar com outros indivíduos e criar conteúdo, experimenta a cultura da convergência, em que as velhas e novas mídias entram em choque, quando “a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, o poder do produtor e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p. 343). Jenkins (2009) estabelece que convergência representa, ao mesmo tempo, o fluxo de conteúdos que circula por meio de múltiplas plataformas conectadas à internet, em meio às práticas de cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação.

Nesse cenário, a participação ativa dos indivíduos é fundamental, para que haja uma circulação de conteúdos por meio de diferentes sistemas de mídia. Sendo assim, a convergência representa uma verdadeira transformação cultural, “à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p. 30).

Ao entendermos esse cenário de convergência, percebemos uma mudança fundamental, que é a maneira como os indivíduos passam a lidar com a mídia. Para Jenkins (2009), a convergência dos meios de comunicação representa um impacto importante na maneira como passamos a consumir esses meios. É necessário observar que, dentro dessa perspectiva de convergência, aconteceu uma verdadeira transformação “tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p. 44). Nos últimos anos, os indivíduos passaram a usar as ferramentas de mídia digital, e as distinções limítrofes tradicionais entre mídia de comunicação (telefone, fax, correspondências) e mídia de transmissão (televisão, rádio, cinema) ficaram borradas, e atualmente há

dificuldade de diferenciar uma função da outra. Para Shirky (2012), os dois padrões passam a se confundir, e a maneira que pequenos e grandes grupos se comunicam tornou-se um verdadeiro ecossistema.

O acesso aos aparatos tecnológicos deu origem à cultura da participação (SHIRKY, 2011), quando os atos criativos feitos por amadores se tornam também atos sociais, com um compartilhamento generalizado. Na mesma plataforma em que grandes grupos divulgam seus produtos, serviços ou notícias, os sujeitos, como é o caso do Facebook, anônimos e anteriormente atores inexpressivos, conectam-se com seus familiares e amigos em tempo real, postam fotos das férias na praia, vídeos dos primeiros passos dos filhos ou outras banalidades do dia a dia, que comercialmente não possuem valor, mas que disputam o espaço no feed de notícias com tantos outros empreendimentos varejistas e grandes corporações, muitas delas multinacionais.

De fato, entendemos que a relação dos indivíduos com os meios de comunicação mudou. Com a popularização dos aparatos tecnológicos com acesso à internet, dotados de recursos de produção de textos, imagens e vídeos, o público deixa o papel de consumidor passivo de informações, e passa a elaborar conteúdo (JENKINS, 2009). Além disso, “as pessoas assumem o controle das mídias” (JENKINS, 2009, p. 45). Esse novo público conectado, capaz de elaborar conteúdo, “que ganhou poder com as novas tecnologias e vem ocupando um espaço na intersecção entre os velhos e os novos meios de comunicação, está exigindo o direito de participar da cultura” (JENKINS, 2009, p. 53).

Consideramos que as redes sociais se tornaram um espaço propício para práticas de insurreição e resistência midiática, configurando uma paisagem insurgente, em uma nova espacialidade, criada a partir das vivências digitais. Em um ambiente em que há novas configurações do território, surgem novos arranjos e dinâmicas relacionais, como é o caso da territorialidade informacional, como veremos em seguida.

4 | TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL

Claude Raffestin (1993) conceitua território como sendo um desdobramento do espaço. Ele explica que território “é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático em qualquer nível” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Esse ator territorializa o espaço. “O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si” (RAFFESTIN, 1993, p. 144). Sack (2013) afirma que, de fato, os territórios são resultados de estratégias eficazes de afetar, influenciar e

controlar pessoas, fenômenos e relações.

Marcos Aurelio Saquet (2015, p. 77) define que “território é uma construção coletiva e multidimensional, com múltiplas territorialidades”. Saquet (2015, p. 84) aponta que “território significa articulações sociais, conflitos, cooperações, concorrências e coesões”. Sack (2013) enuncia que muitos territórios tendem a ser fixos no espaço geográfico, mas alguns podem deslocar-se. “Territórios podem ocorrer em níveis” (SACK, 2013, p. 78).

Já Milton Santos considera que “cada pessoa, grupo, firma, instituição realiza o mundo à sua maneira” (2012, p. 115). Ele define o conceito de território como sendo “o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato, e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence” (SANTOS, 2012, p. 96).

Rogério Haesbaert (2011) refuta o conceito de desterritorialização — que representa o fim dos territórios na contemporaneidade —, e pondera que, pelo contrário, há atualmente uma “intensificação da territorialização no sentido de uma ‘multiterritorialidade’, um processo concomitante de destruição e construção de territórios mesclando diferentes modalidades territoriais” (HAESBAERT, 2011, p. 32).

Robert David Sack (2013, p. 76) estabelece que territorialidade “envolve a tentativa por parte de um indivíduo ou grupo de influenciar ou afetar as ações de outros” (2013, p. 76). O autor aponta que territorialidade é a “tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica (território)” (SACK, 2013, p. 76).

Sack considera que “a territorialidade forma o pano de fundo para relações espaciais humanas e concepções de espaço e indica que as relações espaciais humanas não são neutras” (2013, p. 88). Ele explica que “relações espaciais humanas são os resultados de influência e poder. Territorialidade é a forma espacial primária que o poder assume” (SACK, 2013, p. 88).

Marcos Aurelio Saquet (2015) explica que a relação entre o tempo e o território está se desdobrando em novas territorialidades. Para o autor, “vivemos diferentes temporalidades e territorialidades, em processo constante de desterritorialização e reterritorialização que gera sempre novas territorialidades e novos territórios que contêm traços dos velhos territórios e territorialidades” (SAQUET, 2015, p. 78). Saquet pondera que “os territórios e as territorialidades humanas são múltiplos, históricos e relacionais” (2015, p. 83).

André Lemos trabalha o conceito de territórios informacionais, que são “áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano. O acesso e o controle informacional realizam-se a partir de dispositivos móveis e redes sem fio” (2007, p. 14). Lemos considera que

o território informacional “não é o ciberespaço, mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico” (LEMOS, 2007, p. 14).

Para Lemos (2007, p. 14), “o território informacional cria um lugar, dependente dos espaços físico e eletrônico a que ele se vincula”, e esse lugar “se configura por atividades sociais que criam pertencimentos (simbólico, econômico, afetivo, informacional)” (LEMOS, 2007, p. 15). Lemos estabelece que o conceito de território informacional está relacionado a uma forma identitária, criando um lugar informacional que se diferencia do espaço. “Os territórios informacionais são lugares onde se exercem controles do fluxo de informação na ciberurbe marcada, como vimos, pela imbricação dos espaços eletrônico e físico” (LEMOS, 2007, p. 15).

Suely Fragoso, Rebeca Recuero Rebs e Daiani Barth (2011) consideram que espaços, lugares e territórios são indissociáveis, sendo que “a materialidade dos espaços organiza-se em lugares caracterizados geograficamente (por seus limites, não necessariamente materiais) e simbolicamente (por sua identidade e historicidade)” (FRAGOSO ET AL, 2011, p. 212). As autoras estabelecem que “os lugares podem conduzir à territorialidade, que se traduz em sentimentos de pertença territorial de ordem individual ou coletiva” (FRAGOSO ET AL, 2011, p. 212-213).

Fragoso et al (2011) comentam, com base em amplo referencial teórico, que em uma abordagem mais funcional, “a territorialidade se configura-se em processos de dominação, de exclusividade, e o território é visto como recurso, como valor de troca, visando produção e lucro” (FRAGOSO ET AL, 2011, p. 213). Porém, ao se considerar o aspecto simbólico, “a territorialidade diz respeito à apropriação e à identidade e mobiliza os sentidos de lar e de abrigo” (FRAGOSO ET AL, 2011, p. 213).

Nesta perspectiva, a internet influencia na criação de novas identificações culturais, pois “além de oferecer os suportes para a criação, organização e compartilhamento desses lugares-territórios virtuais, a internet também potencializa a diversificação das interações e, com isso, a multiplicação das identidades e identificações culturais” (FRAGOSO ET AL, 2011, p. 215). Sendo assim, a maior facilidade de estabelecer interações sociais pela Internet potencializou as “múltiplas ‘tribos’ a que cada um pode pertencer [e que] revelariam múltiplas territorialidades, efêmeras, que assumiríamos ao longo de nosso cotidiano” (HAESBAERT apud FRAGOSO ET AL, 2011). Sendo assim, neste processo, “as vinculações identitárias individuais e coletivas transpõem-se para as representações online, potencializando a experiência multiterritorial ao ampliar a gama de territórios dos quais o sujeito pode fazer parte tanto material quanto simbolicamente” (FRAGOSO ET AL, 2011, 216).

5 | METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

No presente trabalho, propomos uma análise de conteúdo das postagens da página do coletivo Ninja ES, relacionadas à ocupação das escolas públicas capixabas e da sede da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (Sedu) pelos secundaristas. Na época das ocupações, os estudantes protestavam contra a proposta do governo federal de reforma do ensino médio e contra a PEC 55 (chamada de PEC 241 na Câmara), posteriormente aprovada em votação nas duas casas legislativas federais (Senado e Câmara). Queremos entender como os midiativistas se apropriaram das ferramentas tecnológicas e estabeleceram um hub midiático com base na colaboração de vários atores anônimos, que enviaram suas narrativas para o coletivo, criando pertencimento na territorialidade informacional.

A coleta de dados foi empreendida no dia 22 de junho de 2017, por meio do script Ford, desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), localizado na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). O levantamento de material abrange o período de 17 de outubro a 5 de dezembro de 2016, quando foram gerados 941 posts veiculados pela fanpage do Ninja ES no Facebook. Após a análise do dataset completo, parte das postagens foi descartada por trazer conteúdo diverso, não se referindo às ocupações nem ao movimento gerado para contestar a votação da PEC 55. A amostra que vamos trabalhar corresponde a 743 postagens, constituindo nosso corpus de estudo.

Adotamos como metodologia de trabalho a análise de conteúdo, por entendermos que, na pesquisa qualitativa, podemos usar técnicas que permitem “tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos” (MINAYO, 2007, p. 303).

Após a coleta empreendida, os dados das postagens foram inicialmente analisados, tipificados e separados em categorias semânticas de acordo com os termos mais recorrentes. Diagnosticamos inicialmente as seguintes grandes categorias nos posts: cobertura das ocupações escolares capixabas; cobertura de protestos sobre a PEC 55; viralização de temas nacionais e desdobramentos das ocupações. Também verificamos as palavras mais recorrentes dentro de nosso corpus: em primeiro lugar está a palavra “escola”, que apareceu 645 vezes, seguida respectivamente de “estudantes” (608 vezes), “PEC” (261 vezes), “ocupa” (256 vezes) e “educação” (204 vezes). Também identificamos as hashtags mais recorrentes: em primeiro lugar, está #ocupatudo, com 212 menções nas postagens, seguida respectivamente por #ocupaes (148 menções), #primaverasecundarista (90 menções), #contrapec241 (74 menções) e #pecdofimdomundo (50 menções).

As postagens do Ninja ES receberam um total de 14.552 curtidas e 2.382 comentários. Ao todo foram registrados 52.627 compartilhamentos, que resultaram

em um total de interações com 120.355 likes (média de 134,47 por postagem) e 8.108 comments (9,06 por publicação). Esse número permite verificar a dimensão do movimento estudantil na territorialidade informacional, que conseguiu um alcance considerável, visto que nem sempre foi apoiado pela sociedade civil.

Confirmando os números obtidos, fizemos uma nova coleta no Facebook e extraímos os dados de outras páginas com conteúdo sobre as ocupações e visualizamos todas as curtidas dos perfis do Facebook em publicações das páginas sobre as ocupações (o que incluem aí canais dos próprios movimentos escolares, além do Ninja ES). Após a coleta, o Ford libera arquivos em formato .gdf e permite a análise e visualização dos dados extraídos a partir do aplicativo Gephi, que permite, por sua vez, gerar a visualização dos dados em formato de grafos, o que nos ajudará a enxergar a rede de midiativismo que se formou durante os dias de ocupações escolares no Espírito Santo.

Como se pode notar na **Figura 1**, o Ninja ES foi o principal veículo para acompanhamento da mobilização social, divulgando principais furos jornalísticos do período, a saber: as escolas que estavam sendo ocupadas e tentativas de repressão.

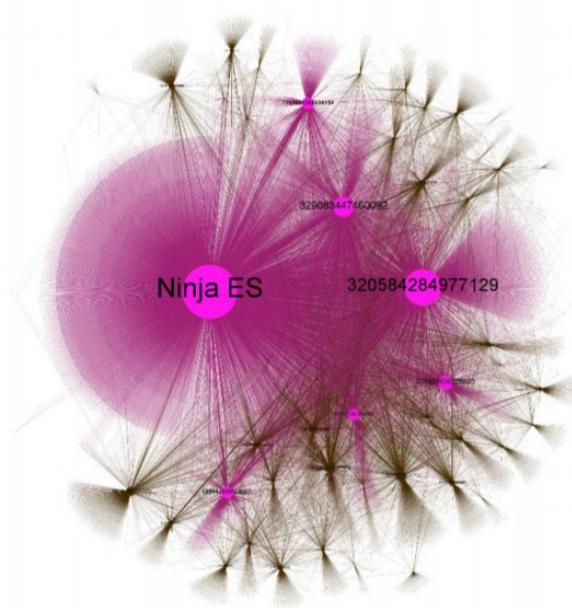


Figura 1: Curtidas recebidas em publicações das páginas sobre as ocupações

Fonte: coleta realizada no Labic/Ufes em 2017

A partir do material quantitativo, podemos inferir que o Ninja ES representou um importante papel no Facebook, durante os dias de ocupações escolares, assumindo um protagonismo ao compartilhar narrativas do movimento estudantil. Além do trabalho do próprio grupo de midiativistas, que fez transmissões ao vivo

durante as ações dos estudantes, grande parte do nosso corpus trouxe conteúdo enviado por colaboradores, ativistas que estavam nos locais de ação e que fizeram registros importantes dos atos dos alunos que participaram das ocupações de 65 escolas municipais, estaduais e federais em todo o Espírito Santo.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A difusão das redes de comunicação horizontais modificou drasticamente a prática de poder em várias dimensões institucionais e sociais, permitindo que a sociedade civil e atores sociopolíticos não institucionais ganhassem uma maior influência, impactando diretamente na forma e na dinâmica das relações de poder até então estabelecidas (CASTELLS, 2015). A internet permitiu a geração de laços fracos múltiplos, muitas vezes com outros indivíduos desconhecidos, porém em um modelo igualitário de socialização (CASTELLS, 2013), que permite que novos sujeitos possam se organizar, criar conteúdo e compartilhar narrativas no ciberespaço. Entendemos que a tecnologia maximizou as chances para a expressão e mobilização de projetos alternativos (CASTELLS, 2015). Muitos movimentos sociais migraram das ruas para as redes, justamente pela possibilidade de engajar vários participantes à distância, dentro de um modelo colaborativo e igualitário.

Consideramos que, além de significar um importante espaço contemporâneo de trocas e interações, as plataformas de redes sociais constituem também um fundamental instrumento de mobilização social, de luta por autonomia e de conflito com as estruturas do poder constituído. Acreditamos também que o ambiente digital preserva elementos territoriais por reunir pessoas de uma mesma localização geográfica, como é o caso dos membros do coletivo Ninja ES, lidando com um tema em comum, que são os fatos e as informações referentes às lutas sociais ligadas ao estado do Espírito Santo.

Além disso, temas como comunicação e poder são de grande relevância para a construção de nossa pesquisa. Por meios de redes sociais como o Facebook, o internauta pode debater temas específicos sobre o Espírito Santo e suas lutas sociais, criando uma agenda midiática específica, muitas vezes com um sentido contra-hegemônico ao que é noticiado pela mídia tradicional, que possui outras especificidades editoriais e comerciais, inclusive com uma rotina jornalista para elaboração de narrativas que se difere em muitos aspectos do processo de atuação dos ativistas do Ninja ES.

Usado amplamente pelos internautas brasileiros, o Facebook é um dos destaques entre os sites de redes sociais, por permitir que os usuários compartilhem conteúdos com textos, fotos e vídeos em tempo real. É popular no País e em todo o mundo, com mais de 2,07 bilhões de usuários ativos, que acessam a rede pelo

menos uma vez por mês. É nesse ambiente que os internautas se destacam pela capacidade de mobilização, de unir grupos em torno de um mesmo objetivo e de colaborar com postagens sobre temas variados.

As interações realizadas no Facebook são processos discursivos que se consolidam mediante à circulação de textos e imagens. Nesse sentido, o coletivo Ninja ES abastece sua página com regularidade, postando conteúdo sobretudo com caráter político e social, produzido por seus integrantes ou enviado por seus colaboradores. Outra estratégia de sua guerrilha midiática é republicar notícias de outras fontes, com o objetivo de causar engajamento no ciberespaço. Consideramos que o coletivo midiático, que tem na territorialidade informacional seu campo de operações e nas práticas jornalísticas sua estratégia de atuação, constrói um discurso de resistência enquanto fornece contrainformações.

Sendo assim, podemos considerar que o coletivo de mídia livre Ninja ES estabelece atividades sociais que criam pertencimento nas redes sociais digitais — no caso narrativas jornalísticas elaboradas por comunicadores livres e autônomos —, configurando um território informacional independente, com conteúdo em oposição ao sistema midiático hegemônico vigente.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. SP/RJ: Paz e Terra, 2015.

_____. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo**. São Paulo: Paulus, 2017.

FRAGOSO, Suely et al. Territorialidades virtuais. In: **Revista Matrizes**, n. 1, 2011, p. 211-225. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38317/41166>>. Acesso 20 de dezembro de 2017.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMONS, André. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____. Mídia locativa e territórios informacionais. In: SANTAELLA, Lúcia & ARANTES, Priscila (orgs.). **Estéticas Tecnológicas**. São Paulo, EDUC, 2007. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/midia_locativa.pdf>. Acesso 31 de maio de 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2007.

PARENTE, A. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: PARENTE, A. (org.). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RECUERO, Raquel. Redes sociais. In: CITELLI, A. et al (orgs). **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Contexto, 2014.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina & FERRARI, Maristela (orgs.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio & SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e territorialidades**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Lá vem todo mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aforização 176, 180, 181, 182, 186, 187

Análise de Conteúdo 124, 157

Andirá 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123

Antropologia 40, 65, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 77, 121, 123, 204, 205

Aprendizagem 32, 35, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 153

Apresentadora 137, 139, 141, 143, 144, 145, 146

B

Big data 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

C

Capa de revista 176, 177, 178, 182, 186

Catalunha 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

Ciberteologia 1, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Comportamento do Consumidor 78, 79, 80, 91, 97

Consumo 65, 66, 68, 72, 75, 82, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 109, 110, 183, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 203, 204, 206

Convergência 71, 72, 92, 95, 97, 99, 101, 102, 152, 153, 160, 166, 173

Cultura 1, 2, 3, 5, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 22, 31, 35, 37, 45, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 80, 92, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 111, 113, 114, 121, 123, 126, 134, 136, 137, 139, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 153, 154, 160, 161, 166, 169, 175, 190, 196, 204, 205

D

Destacabilidade 176, 178

Duolingo 42, 43, 45, 47, 51

E

Ecologia da Comunicação 124, 126, 136

Engenharia de Sistema 14

Ensino 19, 32, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 97, 120, 145, 157

Epistemologia 65, 171

Estudos Culturais 65, 66, 69, 72, 73, 75

F

Fé 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 118, 119, 121, 133, 134

Frases sem texto 176, 178, 187

I

Interconectividade 14, 21, 33, 38, 39

Intersubjetividade 14, 21, 26

Intolerância Religiosa 124, 125, 131, 132, 133, 134, 135, 136

L

Língua estrangeira 42, 43, 46, 52

M

Marketing 78, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 205

Memória 35, 110, 111, 112, 114, 115, 118, 119, 122, 123, 153

Metodologia 14, 20, 21, 23, 65, 78, 84, 90, 119, 121, 123, 126, 145, 157

Mídia 1, 16, 33, 35, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 111, 124, 136, 140, 141, 147, 148, 150, 152, 153, 159, 160, 162, 206

Mídias 5, 11, 13, 35, 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 92, 95, 97, 99, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 153, 154, 167, 206

Midiativismo 149, 158

Minimercados 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 90

Mulher negra 72, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Música 50, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 192, 205

O

Objetivação 14, 17, 21, 22, 24, 25, 36

Opinião Pública 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 133, 164

P

Pesquisas 21, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 71, 72, 88, 145

Plataforma digital 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 32, 33, 36, 37

Q

Questionários 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 84

Quilombos 114, 115, 122, 123

R

Redes sociais 4, 5, 7, 11, 95, 96, 138, 149, 150, 152, 154, 159, 160, 161, 178, 206

Requisitos 14, 23, 32, 36, 40, 41

Revista semanal 176, 178

S

Semiótica 71, 104, 105, 107, 112, 113

Separatismo 162, 163, 164, 168, 170, 172, 174

Sociedade 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 24, 26, 27, 28, 34, 39, 41, 42, 44, 55, 59, 67, 72, 82, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 114, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 144, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 163, 165, 190, 195, 200, 201, 203, 204, 205

Subjetivação 14, 17, 21, 23

Supermercados 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89

T

Televisão 93, 101, 131, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 153, 201

Territorialidade informacional 149, 154, 157, 158, 160

Tradição 8, 12, 68, 114, 118, 119, 121, 123, 134

 **Atena**
Editora

2 0 2 0